

CAPÍTULO XXV

OS SANTOS

Conta-os com os teus santos na glória eterna. – *Te Deum*

Por todos os teus santos que repousam de suas fadigas,
Que pela fé confessaram, perante o mundo,
Teu nome – sê bendito para sempre, ó Jesus, aleluia! – Bispo How.

Admite o sistema católico romano grande lista de pessoas que, segundo acredita, estão agora no céu, devendo os fiéis prestar-lhe culto. A referida lista é conhecida como o “calendário dos santos”. Dias especiais se assinalam no breviário, como festas em que as virtudes dos santos devem ser lembradas e sua intercessão requerida. Em honra deles se colocam estátuas nas igrejas e em lugares públicos, diante das quais os fiéis se ajoelham. O Protestantismo não encontra no Novo Testamento qualquer apoio para tal culto ou qualquer indicação de que houvesse sido dado a qualquer indivíduo ou à igreja o encargo de levantar um catálogo de santos privilegiados.

§ 1. A doutrina romana.- O culto dos santos foi tratado com abundância pelo Concílio de Trento, mas de maneira um tanto reservada. O Concílio encareceu a necessidade da remoção de abusos, mas ao mesmo tempo recomendou a invocação dos santos como sendo boa e salutar. Acusou de impiedade os que afirmam ser idolatria tal adoração, ou que esta importa em diminuição da honra devida a Cristo como nosso único Mediador, ou estar em conflito com as Escrituras, lançando anátema contra os tais. Segundo o Catecismo Tridentino, os santos estão colocados, em relação a Deus, na mesma posição que têm os magistrados junto aos reis, sendo aqueles chamados “favoritos de Deus, sempre a postos na presença de nosso pai celestial e devem estar ansiosos de interceder por nós”. É piedosa a idéia de que eles possam interceder por nós; mas o Catecismo de Pio IX afirma que os anjos e os santos são poderosos intercessores junto de Deus, sendo a Virgem a mais poderosa, porque, conforme se alega, ela é a mãe de Deus.

§ 2. A canonização.- Quais são os santos e quem tem poder para decidir das pretensões à santidade? Inicialmente, as pessoas falecidas alcançavam a condição de santos, mediante a atuação de uma comunidade, de um Estado e de um prelado. A primeira pessoa a ser elevada àquela categoria, por um pontífice romano, foi Ulrich,

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

bispo de Augsburgo, em 993. Como objetivo de por cobro à multiplicação dos santos, Alexandre III reservou à sé apostólica, em 1170, o direito de canonizar. Em 1634 Urbano VIII baixou normas estritas de processo. O cardeal Belarmino garantiu que, declarando santa uma pessoa, o papa não pode errar, porque, se assim não fora, o culto dos santos seria precário e inútil. Em sua Carta à Nobreza Alemã, Lutero Alvitrou que se deixassem os santos à decisão de Deus, a quem exclusivamente pertence o poder de canonizar.

Nestes últimos tempos, o processo pelo qual se consegue a canonização às vezes se arrasta por longo período de anos e dá ensejo a que se paguem grandes somas de dinheiro. Conta-se que a canonização dos vinte e seis missionários mártires do Japão, efetuada sob Pio IX, em 1862, custou à ordem Franciscana, a que todos, com exceção de três, pertenciam, não menos de 70.000 dólares. Antes que seja proferida a final decisão do papa, procede-se a formal julgamento perante a Congregação Romana dos Ritos. Nomeia-se a um acusador, chamado promotor da fé ou advogado do diabo – *diabolus advocatus* – cujas funções consistem em apontar, quando possível, durante o julgamento, falhas no testemunho apresentado. Faz-se distinção entre beatificação e canonização. Para a beatificação exigem-se virtudes excelentes – *heroicitas virtuum* – e dois milagres devem ser provados e dois milagres adicionais se devem apontar, como operados em resposta às orações da pessoa. Tal pessoa passa a trazer, em consequência, o título de Venerável ou Beato. O indivíduo assim honrado, pode ser cultuado somente em localidades que o papa apontar – *cân.* 1227. A canonização habilita os santos no culto sem limitação de localidades e podem os canonizados ser escolhidos como padroeiros de uma nação, diocese, cidade, confraria ou negócio. Podem ser-lhes dedicadas igrejas e erigidos altares, e suas estampas e relíquias podem ser expostas à veneração pública. A proclamação da santidade se faz na basílica de S. Pedro, pela boca do pontífice e usualmente com cerimônias pomposas. No caso de um mártir, a evidência de milagres não se exige como condição de canonização.

Poder-se-ia supor que o longo intervalo entre a morte da criatura e sua elevação à santidade tornasse difícil estabelecer segura prova de seu merecimento. Sir Tomaz More e o cardeal Belarmino, recentemente beatificados, morreram há quatro e três séculos, respectivamente. Jogues e outros jesuítas do Canadá, beatificados em 1925, morreram mártires há perto de 300 anos. Santo Efraim de Edessa esperou por 1.500 anos, ou mais antes que lograsse lugar no calendário romano. A canonização de um dos

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

santos mais populares, Joana d’Arc, foi protelada por aproximadamente 500 anos. Por outro lado, casos houve em que os méritos excepcionais se tornaram tão evidentes, que apenas uns poucos anos decorreram entre a morte dos candidatos e sua elevação à santidade. Tomaz à Becket foi declarado santo em 1177, sete anos depois de sua morte; Pedro de Castlenau, em 1208, três meses depois da morte; Francisco de Assis, em 1228, dois anos depois de sua morte; Antônio de Pádua, em 1232, um ano após o falecimento; e Santa Teresinha, chamada a Pequenina Flor, foi beatificada em 1925, vinte e cinco anos depois da morte.

A prática da canonização foi atribuída por Belarmino aos tempos de Lucas e à maneira por que o mesmo Lucas tratou os mártires Estêvão e Tiago. O cardeal nos adverte de que, se acreditamos em Pompeu e César pelo testemunho de escritores que eram meramente humanos e podiam usar de fraude, devemos crer sem hesitação quando o próprio Deus atesta a santidade de alguém por meio de milagres. O cardeal citou ao mesmo tempo Agostinho, quando disse que os corpos de muitos personagens são honrados na terá como corpos de santos, enquanto que suas almas são atormentadas no inferno.

As biografias dos santos, para não irmos além do que a narrativa de Jerônimo amontoa sobre Paulo de Tebas e do que Atanásio conta acerca de Santo Antônio, narrativas essas pertencentes ao quarto século – encheriam espaçosa biblioteca. Os padres Bolandistas compilaram enormes volumes contendo tais biografias e ainda não chegaram ao fim. A última lista popular que foi publicada, a lista de Holweck, contém 20.000 nomes. Embora esse volume, segundo Month, “seja destinado a figurar em toda biblioteca para referências, seu catálogo de simples nomes, estupendamente longo, desafia, entretanto, todas as tentativas de identificação individual. Muitos deles são puramente lendários”. Alguém certamente se lembrará das vinte e sete carroçadas de ossos de santos que, por ordem de Bonifácio IV, foram retirados das catacumbas e colocadas no Pantheon. Holweck cita não menos de vinte e um santos celtas, chamados Colman; sessenta e sete santos romanos chamados Félix e cinquenta e oito santos romanos chamados João. De muitos dos santos o compilador só menciona o nome.

Na Idade Média e antes, as biografias dos santos tomaram o lugar das novelas modernas. Quanto aos eremitas e anacoretas, cujas excentricidades Jerônimo,

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Atanásio, Gregório o Grande e outros escritores registraram, o leitor de hoje dá voltas ao cérebro para descobrir a que propósito útil serviam, se se conservavam sobre uma coluna por trinta e seis anos, como fez S. Simão Estilita, ou se viviam isolados da sociedade e deliberadamente em meio de animais selvagens. Sua vida sedentária e com frequência misantrópica, era pouco mais que espetáculos estranhos, despertando a curiosidade da gente crédula. Eles se podem comparar a essas árvores que o viajante, cruzando em estrada de ferro o continente americano, costuma contemplar, sozinhas e solitárias, em meio dos descampados ermos. Ademais, na vida de grandes massas de personalidades que a igreja romana santificou, nada restou que seja vantajoso à sociedade ou digno de imitação. A outros os protestantes os encaram com agradecido respeito, por sua erudição piedosa, pelo exemplo que deram de abnegação sadia ou por seu heroísmo como mártires, desde Estêvão e Paulo, Policarpo e Cipriano, Blandina e Felicidade, até os escolásticos e monges da idade Média, tais como Bernardo, S. Francisco e Tomaz de Aquino, e homens de tempos mais recentes, como Francisco de Sales. Talvez que todas essas pessoas tivessem recusado qualquer título de santidade, como fez Paulo, que se referiu a si mesmo “como o menor entre os derradeiros santos” – Efé. 3:8.

Dos eclesiásticos romanos, canonizados a partir da Reforma Protestante, não poucos foram encarniçados inimigos do Protestantismo, como Inácio de Loyola, Borromeo, Pedro Arbuez, o desalmado inquisidor espanhol, e Pedro Canisius. Poucos pontífices receberam aquela honra. O último a recebê-la foi Pio V, que excomungara a rainha Isabel e preconizara sua morte. Pode-se esperar que, mais cedo ou mais tarde, os nomes de Pio IX e Pio X serão incluídos na lista – Pio IX como campeão dos dogmas romanos e Pio X pelo caráter santo que o povo de Roma lhe atribui.

§ 3. O argumento.– A Bíblia não conhece aristocracia espiritual. “Santo” é o nome que ela indistintamente aplica a todos os cristãos. Nos primitivos manuscritos do Novo Testamento, o título de santo não se associava ainda aos nomes de Mateus, Lucas, Pedro, Paulo e outros escritores apostólicos. Por mais estranho que seja dizê-lo, o Catecismo Tridentino justifica o culto dos santos com o caso dos heróis do Velho Testamento, tais como José, diante de quem seus irmãos se ajoelharam; Abraão, que se prostrou diante dos filhos de Het; Davi encurvado diante de Saul; Abigail perante Davi e Nabucodonosor em face de Daniel – Gên. 23:7, 48:26; I Sam. 24:8, 25:14; Dan. 2:40. Os casos preferidos justificariam, quando muito, a adoração dos vivos. O povo judaico

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

tinha em honra esses heróis, mas era demasiadamente sensível para render culto a qualquer um deles.

Se nos voltarmos para o Novo Testamento, onde podíamos ter a oportunidade de esperar adoração a mortais, veremos que esta foi ali formalmente recusada. Quando Cornélio se ajoelhou diante de Pedro, o Apóstolo ordenou que o centurião ajoelhado se erguesse, dizendo: “Eu também sou homem”. Em Listra, Paulo e Barnabé censuraram o povo, que pretendia tributar-lhes honras divinas – Atos 10:26, 15:14.¹ Ainda mais: o culto de anjos fora explicitamente condenado por Paulo – Col. 2:18. Se é erro o culto angélico, certamente que o culto de homens glorificados não pode ser coisa acertada. Entre as derradeiras palavras da Bíblia, figura a proibição do culto de quem quer que seja, exceto Deus. Quando João ia prostra-se perante o anjo, foi, por meio destas palavras, impedido de o fazer: “Não o faças; adora a Deus” – Apo. 19:10, 22:9. O Catecismo Tridentino se empenha em fugir à forçadas duas passagens do Apocalipse, sofismando que a honra que o anjo recusou foi a suprema adoração, devida tão somente a Deus.

S. Paulo se referia aos cristãos, quando nos assegurou que “o Espírito intercede pelos santos”, como o fez João, quando disse que “os demônios fazem guerra contra os santos” – Rom. 7:27; Apo. 13:7. Não estaria nas cogitações do diabo fazer guerra aos cristãos glorificados. Estes se acham fora de seu alcance. Paulo tratou aos cristãos que habitavam Roma, Jerusalém, Corinto, Éfeso e Filipos como “santos” e ordenou às igrejas de Corinto e da Galácia a levantarem “uma coleta para os santos”, I Cor. 16:1. O fundamento para que todos os cristãos sejam tratados como santos, é que sua vocação é sagrada e celestial. Os cristãos foram “chamados para ser santos”, como disse Paulo; e, quando o Apóstolo orava para que “fosse habilitado a compreender com todos os santos” a medida do amor de Cristo, falava dos companheiros cristãos que estavam sobre a terra – I Cor. 1:1; Efé. 3:18. Certa mudança deve ter ocorrido depois dos tempos apostólicos e os cristãos do segundo século, segundo Harnack, já não tinham ânimo de se tratarem como santos.

§ 4. A atitude protestante.- Os protestantes seguem o Novo testamento, honrando os homens bons que foram para o céu e recusando culto a quem quer que seja, exceto a Deus. Como estabelece a Confissão de Augsburgo, “As Escrituras nos ensinam que não invoquemos os santos nem lhes peçamos auxílio, porque elas nos apresentam

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

um só Cristo, como Mediador, Sumo-sacerdote e Intercessor”. Os santos devem ser imitados, mas imitação não é culto. O *Livro de Homílias* – ed.de Oxford, 1859, p.325 – proíbe-nos “invocar anjo ou santo, mas só e unicamente a Deus. Nenhuma fé ou confiança deve ser depositada em santos ou mártires que tenham morrido”. A Confissão Galicana ensina que “a intercessão dos santos é abuso e engodo de Satanás, para desviar os homens do reto caminho do culto”. Em sua Carta à Nobreza Alemã, Lutero foi prático e sensato ao sugerir que os bispos tributariam real honra aos santos, se convertessem em dias de serviço suas festas, dias que eram devotados à ociosidade e ao divertimento. O culto dos santos Calvino o comparou ao culto dos baalins, condenado pelos profetas – Jer. 9:14; Ose. 2:4.

O culto aos santos, embora se origine de impulsos da devoção cristã, parece ser sobrevivência do culto pagão das divindades doméstica dos romanos –os lares e penates – e as divindades máximas da mitologia clássica. A despeito das pretensas aparições daqueles aquém a igreja romana dignifica como santos, deve sempre constituir assunto de conjectura humana, se um determinado santo se libertou do purgatório, a não ser que a canonização papal constitua um certificado impecável de que semelhante libertação se tenha operado, ou, melhor, de que a pessoa canonizada morrera em condições de não necessitar do purgatório. A festa de todos os santos, celebrada a 1º. de novembro e abrangendo todos os santos possíveis, fornece a necessária garantia de que nenhum ficará esquecido. Segundo o Novo Testamento, os característicos da santidade são as virtudes da doçura, mansidão, bondade, longanimidade, temperança e amor: coincidem com os frutos do Espírito. Podia, naturalmente, parecer que alguns dos antigos eremitas deviam passar longo período de sofrimento no purgatório, ou ainda estarem lá, porque certamente teriam dado notável exemplo de paciência e fidelidade matrimonial, permanecendo com a esposa e suportando os males oriundos das baixas condições sociais. Para que se exaltem as mulheres de temperamento histérico, tidas como dignas religiosas, é necessário desprezar as mulheres de nossos lares que, através da paciência diuturna e da fidelidade, cumprem as tarefas da maternidade e da feminilidade, ordenadas por deus e louvadas no Novo Testamento. Se se tomar o serviço da humanidade como como meditado devotamento cristão, quem dirá que os serviços de Washington, Samuel Adams e Lincoln, domédico fiel e do agricultor fiel, do escrevente honesto e do vigilante maquinista ,não os habilitem a uma posição tão elevada nos anais da hagiografia cristã, como aqueles cujos nomes se acham impressos

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

nos catálogos de santos romanos? Porque, se pessoas houve como o General Booth, Clara Barton e Miss Willard, que não reconheceram o ritual e os dogmas da igreja romana, quem dirá que elas não foram impelidas por motivos tão puros como os que moveram a Joana d’Arc, ou a Catarina de Sena, ou a Santa Teresa de Espanha, e que, numa palavra, não fizeram por sua geração tanto quanto o fizeram pela sua as citadas personalidades católicas? Nosso Senhor não estabeleceu um padrão de exclusividade de grupos. Seu Padrão foi o da fidelidade aos próprios deveres.

§ 5. O culto aos santos através da história.- O primeiro passo para o culto dos santos foi dado em meio do segundo século, quando se revelou o mui natural impulso de celebrar a memória dos mártires, no aniversário do seu martírio, chamado seu dia de nascimento celestial. Esse serviço litúrgico era um culto de ação de graças e não de invocação; de comemoração e não de adoração. Em resposta à acusação levantada pelos judeus de Smirna, de serem reuniões de culto aqueles serviços litúrgicos e atentatórios da honra divina, a igreja de Smirna replicou “não ser possível prestar culto a qualquer outro, a não ser a Cristo, a quem adoramos como Filho de Deus. Os mártires nós os honramos por seu grande amor ao seu Rei e desejamos ser seus companheiros e discípulos”. A esse costume inocente, os cristãos passaram a associar a idéia de eficácia das orações dos mortos. O imperador Juliano, o Apóstata, tendo aquele costume em vista, sarcasticamente acusou os cristãos de restaurarem o politeísmo. Gradualmente, as igrejas foram dedicadas aos que morreram santamente e se iniciaram peregrinações a seus túmulos.

Diferentes explicações foram alvitradas para esclarecer a onisciência e onipresença dos santos, implicadas em sua intercessão no céu. Quando Fausto, o maniqueu, levantou a acusação de terem os cristãos substituído os velhos ídolos pelos mártires, reverenciando-os com orações, Agostinho replicou, estabelecendo distinção entre o culto dos santos, em que suas virtudes eram lembradas e seu auxílio invocado, e o culto devido a Deus. Durante a Idade Média, o culto dos santos assumiu extraordinárias proporções. Os mortais glorificados e os anjos se converteram em anjos tutelares, costume que lançara raízes desde o quinto século. Cada localidade e cada profissão buscava a proteção de padroeiros celestiais – e o número deles se aumentou tão rapidamente, que Carlos Magno e os Sínodos proibiram novos acréscimos a lista já existente. A cidade de Roma gozava do patrocínio especial de Pedro, Paulo e S. Lourenço; a França a de S. Martinho e S. Diniz e, agora, de Joana d’Arc. A Inglaterra

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

era guardada pelo cavaleiro S. Jorge, que matou o dragão; a Irlanda por S. Patrício e Sta. Brígida; a Escócia por S. Davi e Santo André. A Espanha se gabava do favor especial de S. Tiago; Paris, do de Sta. Genoveva e Nápoles do de S. Januário. Colônia foi favorecida pela posse de três protetores, que eram reis, os magos, que adoraram junto à manjedoura de Belém. Os que sofriam de dores de dentes pediam alívios a Sta. Apolônia, que passara pela operação de ter todos os seus dentes arrancados, para não renegar a Cristo. S. Floriano era advogado contra o fogo, S. Nicolau guardava os marinheiros em tempos de naufrágio, S. Crispim cuidava dos sapateiros, Santo Ulrico atendia às orações contra a invasão dos celeiros pelos ratos. Os cocheiros têm a graciosa ajuda de S. Fiacre e os muladeiros contam com a de Sto. Antônio. Um patrono semelhante, nestes dias de automóveis, seria uma bela invenção. Ivo é patrono dos juristas e Lucas o dos médicos. Os enfermos rogam a S. Cristóvão para que os livre da morte, os sãos recorrem a S. Roque para que os guarde de contágio e uns outros a Santa Bárbara, para que os proteja contra os desastres. Se a saúde e a higiene dependessem de padroeiros celestiais, a Idade Média ter-se-ia livrado da maior parte, senão de todas as doenças que afligem os tempos modernos e que hoje justificam a exigência de médicos, policiais e enfermeiras. Felizmente, nem todos os santos se limitaram a localidades especiais. Grande era o número cujo auxílio podia ser invocado em todas as partes da terra e para todas as espécies de males, desde Santo Abel, Santo Abraão e s. João Batista, até a última adição feita à lista.. Não se percebia ser censurável o fato de que alguns dos santos romanos não se tivessem erguido acima das condições de seu tempo, mas se notabilizassem pelos hábitos repulsivos às leis da saúde e da decência, segundo nós as compreendemos hoje. . O desprezo pelas mulheres e crianças eram erros que muitos deles tinham como virtude. Parece estranho que a familiaridade com lobos, leões e outros animais, entretida por seres por seres feitos à imagem de Deus, se encarasse como lucro celestial. Andar quase nu ou submeter o corpo a picadas de mosquitos ou à infecção dos pântanos, era tido como santidade por pessoas que, a despeito das honras da canonização, seriam hoje tratadas como misantropos ou idiotas. Dormir sobre as rochas, em posição incômoda, como o fundador da vida monástica, Pacômio, o fez por quinze anos, era uma espécie de religião que os fanáticos das bordas do Ganges podem igualar, senão exceder. O velho S. Paulo de Tebas tomou a um lobo como seu companheiro e foi sepultado, segundo narram as lendas, por dois leões serviçais. Jerônimo, o biógrafo de Paulo, fala de um eremita que vivera por trinta anos a pão de cevada e água lodosa. Santo Antônio, que viu a alma de Paulo subindo para o céu,

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

sentiu-se opulento com a posse do vestuário de folha de palmeira que o mesmo Paulo havia usado e com o qual, em ocasiões especiais, na medida em que o permitissem as circunstâncias, o venturoso herdeiro se vestia. Antônio chegou a ser tão santo, que nos últimos anos de sua vida jamais se lavava. A mulher era evitada por aquela raça de ascetas. Pacômio não admitia a irmã em sua presença. Benedito de Nursia, fundador da ordem Beneditina, limitava suas visitas à irmã, Santa Escolástica, a somente uma, por ano. Simeão Estilita, que não só permaneceu sobre uma coluna por trinta e seis anos, mas também se absteve de comer durante vinte e seis Quaresmas, não permitia que as mulheres lhe contemplassem as austeridades, a não ser de longe.

O breviário acrescentou à lista alguns eclesiásticos que se fizeram notáveis pelo rancor e pelo ódio teológico, no período de amargas discussões que vai de 400 a 600. Por exemplo: Cirilo de Alexandria é contado tanto entre os santos como os eclesiásticos ortodoxos; mas o modo por que tratou a Crisóstomo, a quem, em certa ocasião, assemelhou a Judas; a terrível extravagância de sua linguagem, no trato com todos os que contrariavam, e a possível parte que teve no assassinio de Hipátia, lhe tiram todo o cheiro de santidade.

Se jamais uma assembleia, tratando-se a si mesma de cristã, pecou contra a regra do amor cristão e da misericórdia, essa foi o chamado Sínodo dos Ladrões, de 449. A ingenuidade prevalecente durante a Idade Média chegou aos extremos, em seu esforço para descobrir as qualidades marcantes da santidade. Para final exemplo, tomemos o caso de Santa Uncumber. Essa mulher era muito rogada até o tempo em que explodiu a Reforma Protestante. Sir Tomaz More refere que ela era filha de um português e orava por ter barbas, como meio de preservar a virgindade e escapas ao casamento com o rei da Sicília. Em sua honra, foram erigidas imagens barbadas na Alemanha, Inglaterra e outros países. A santa tornou-se popular entre as mulheres perturbadas com maridos que lhes não convinham. More também contou que os ladrões oravam “ao ladrão que estava ao lado direito de Cristo, para que os fizesse bem sucedidos nos furtos – e até lhe arranjam um nome, chamando-o Dimas”. Se a Sala da Fama, na cidade de Nova York, não fosse o que é, mas tivesse o objetivo de ser um museu de curiosidades, poderia facilmente fornecer uma dúzia de lugares a indivíduos recrutados nas listas de santos medievais.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

Nos anais subsequentes de santidade, um ponto de partida se encontraria em Praga. Ali João Nepomuceno, santo padroeiro da cidade, na noite seguinte a seu martírio, foi visto a flutuar sobre o Moldau, tendo o corpo iluminado com muitos círios. Depois de um período de 300 anos, seu corpo foi encontrado inteiro. Os jesuítas calcularam bem, emendando sua história no interesse da reverência, como compensação pela bem documentada vida de João Huss. Felipe de Néri teve a honra de ver as costelas arrancadas por seu amor a Cristo Conta o breviário que Santa Maria Madalena de Pazzi, falecida em 1607 e cujas virtudes se celebram a 27 de maio, tinha os seios tão escaldantes do amor de Deus, que precisava regá-los com água fria, para os manter em temperatura suportável. Seu crucifixo às vezes transudava umidade que se passava para as vestes da santa, sendo que, em certa ocasião, ela sugou um licor divino, por um dos sinais das feridas gravadas na imagem. A santa restaurou à pureza original, em seu mosteiro, um barril de vinho que se corrompera; curou freiras atingidas pela lepra e pelo câncer, com lhes oscular as feridas. – e viu almas de freiras subindo ao céu, após a morte. Essas são amostras das experiências maravilhosas daquela mulher, estampadas pelo padre Lezin em sua famosa biografia, escrita em 1670, segundo aparecem na tradução inglesa. Cinquenta anos depois da morte de Santa Maria de Pazzi – assim o afirmou Clemente IX – seu corpo ainda permanece incorrupto. Luiz de Gonzaga, falecido em 1591, cujo aniversário se celebra em junho, era tão modesto em menino, que nem sequer fixava os olhos em sua mãe. Se estando em Castiglione, acontecia que sua mãe lhe mandasse recados por intermédio de mulheres, vindo ele à porta, não só as impedia de entrar, mas respondia sem as olhar. Jamais conversou a sós com sua mãe e prometeu ao pai obedecer-lhe em tudo, exceto no que se referisse a contato com mulheres. Em razão de ter S. Luiz evitado, quando menino, a olhar para os seios de sua mãe, tem sido chamado “um anjo em carne”.² Nas bulas de canonização de Afonso de Liguori e de sua elevação a doutor da igreja, considera-se meritório o fato de ter o santo vivido, durante anos, atrás de uma escada, num quarto miserável; trazer seixos dentro das sandálias; ter uma pedra atada ao pescoço, quando comia, contentando-se com peixe de refugio, a que misturava ervas amargas, de modo que o paladar e o cheiro se tornassem tão repulsivos, que nem os gatos lhe tocassem a comida. Em três dias da semana, Afonso, como refere a bula de canonização, só tomava pão e água, de modo que as forças mal lhe chegavam para que se pusesse de pé. Ele tratava a Maria como *mama mia*, ou, como diríamos, *mamãe*. Estando à morte, o santo tomou pequeninas pílulas feitas de papel, sobre que se inscreviam palavras de louvor a Maria. Podemos

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

agora compreender como, em pleno coração da Idade Média, podia S. Tomaz à Becket descobrir méritos no uso de uma camisa de pelo, semeada de sevandijas. É difícil compreender como podia constituir virtude de Labré, canonizado em 1881, a circunstância de que ele jamais se banhava ou trocava de roupa. Tomemos agora Santa Teresa de Espanha. Se essa boa mulher não era uma visionária iludida, então todos os cânones da vida diária e da ciência médica são inúteis. Em certa ocasião ela viu quarenta jesuítas trucidados, quando em viagem para o Brasil – e afirma-se ter ela referido a seu confessor todos os detalhes do morticínio. Após a comunhão, ela viu muitas almas erguendo-se do purgatório, as quais conversaram com a santa. Um anjo, munido de seta flamejante, vibrou-lhe a alma através do peito e, retirando-a, a santa teve a sensação de que todas as suas entranhas se lhe arrancavam. O resultado da operação foi o ter ela ficado inteiramente abrasada do amor de Deus. Em diferentes ocasiões procurou por vinte e quatro ou vinte e cinco confessores, esforçando-se por um que lhe compreendesse as condições espirituais. Tomemos Rosa de Lima, canonizada em 1671 e padroeira da América Latina. Entrando para a ordem de S. Domingos, passava dias sem alimento, a não ser uns goles de caldo feito com ervas amargas, e dormia num leito feito de pedaços de vidro, cacos de olaria e espinhos. Cristo, assim dizia ela, frequentemente lhe aparecia. Seu martírio, imposto pelas próprias mãos, durou quatorze anos. Morreu aos trinta. Tais ascetismos extraordinários não se encontram no Novo Testamento.

§ 6. Recentes adições ao calendário de santos.- A julgar pelas canonizações recentes, parece ser recrudescido na igreja romana o culto dos santos, tão numerosas têm sido as adições feitas pelos pontífices ao catálogo de santos e tão brilhantes têm sido as cerimônias de canonização celebradas em Roma. Amais notável entre elas foi, talvez, a de Joana d’Arc, a donzela de Orleans. Declarando-a beatificada, em 1909, Pio X iniciou sua bula com a afirmativa de ser ela uma virgem que merece ser honrada em todos os tempos – *virginis in omne ævumnobilis*. Por esse ato, a igreja repudiava a condenação de Joana como feiticeira, proferida por um tribunal que tivera a presidência de um arcebispo. À cerimônia celebrada para o anúncio da santificação de Joana, a 16 de maio de 1920, calculou-se em 60.000 o número de pessoas que afluíram à basílica de S. Pedro, figurando entre elas os representantes diplomáticos de muitos países, inclusive os da Inglaterra. O evento foi celebrado em Notre Dame de Paris e em Londres, na abadia de Westminster. Três recentes milagres foram atribuídos à

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

intercessão de Joana, cada qual por uma freira que se dissera curada de cancro ou tuberculose. A donzela de Orleans virtualmente venceu os outros santos da França e tornou-se modelo do patriotismo francês. Ela dirige os regimentos gauleses.

As recentes canonizações de Joana d'Arc e de outras figuras históricas parece terem tido o intuito de atrair à obediência romana nações meio desviadas e desacreditar a Reforma Protestante. Por exemplo: Sir Tomaz More foi beatificado por Leão XIII em 1886, sendo desse modo premiado por ter padecido a morte em consequência de se haver oposto ao Ato de Supremacia, pelo qual a Inglaterra se subtraiu ao governo do pontífice romano. Oposicionistas que, em seus esforços para que a Inglaterra se fizesse outra vez católica, estavam prontos a tramar o assassinio de Isabel, foram colocados na lista de santos que merecem culto. Sua glorificação pode colimar o propósito de unir os católicos ingleses e de induzir os protestantes da Inglaterra a se esquecerem da história, passando a nutrir pensamentos favoráveis ao domínio romano. Em futuro próximo, a Escócia terá provavelmente um santo nacional, Maria, Rainha dos Escoceses, já que o processo está correndo em Roma, à espera de sua beatificação. O historiador americano, dr. Shea, declarou-a inocente de todas as acusações de crime e imoralidade contra ela arguidas por escritores de sua própria época. A morte de Maria, com “a caridade e magnanimidade de mártir”, lhe favorece a canonização. A Holanda recebeu um santo em 1925, na pessoa de Pedro Canisius. Tornando-se jesuíta, Canisius tomou a seu cargo a tarefa de recuperar a Alemanha para a igreja romana e foi incansável no escrever contra o protestantismo e no restabelecimento do catolicismo romano em Ingoldstadt, Innsbruck e outras escolas, e no reivindicar Colônia para a fé romana. Foi na bula a propósito que Leão XIII deixou implícito que os Reformadores Protestantes eram “inimigos do nome cristão”.

Os seguintes santos, canonizados no ano jubilar de 1925, pertencem a diversas classes e mostram que as autoridades romanas estão hoje tão prontas a aceitar extravagâncias aberrantes como milagres, quanto o estavam seus ancestrais do século XV. Mariana de Jesus, de Madri, 1565-1624, desfruta da honra de ter tido o corpo incorrupto, desde sua morte. Poucos meses após a morte, verificou-se que o corpo estava perfeito; e depois, em 1627, 1701, 1765 e 1783, ano de sua beatificação, o mesmo se verificou. Em 1924 o corpo, que repousa numa igreja de Madri, foi outra vez examinado em presença do bispo de Madri e de outras pessoas de destaque. O. dr. Maestre, professor da Escola de Medicina de Madri, achou o corpo diminuto em peso e

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

rígido, mas não exibia nenhum sinal de estar ressequido. O processo de decomposição foi detido, segundo o juízo médico, por um bacilo descoberto por Pasteur. O bacilo em apreço devia ser agora oficialmente proclamado agente sobrenatural. Teresinha de Lisieux, França, proclamada santa a 17 de maio de 1925 e conhecida como a Pequenininha Flor de Jesus, contava apenas vinte e quatro anos quando morreu, em 1897. Aos dezesseis anos entrou para a ordem Carmelita, dizendo, ao professar, que “tinha vindo para salvar as almas e especialmente para orar pelos sacerdotes”. Em sua autobiografia, fala de oceanos de graça que a inundavam e, morrendo, prometeu que “faria chover rosas e gastaria seu céu em fazer o bem sobre a terra”. Muitos milagres têm sido contados como devidos a sua atividade – e novenas se rezam nas igrejas americanas para lhe celebrarem os méritos e lhe cativar o auxílio. Canonizando essa jovem devota, disse Pio IX: “Invocamo-la como nossa advogada e nossa protetora, em razão da chuva de rosas que, segundo sua promessa, não se cansa de derramar sobre os homens”.³

Nem a América ficou esquecida nas sagradas honras distribuídas durante o ano jubilar de 1925. Oito membros da ordem dos jesuítas, que perderam a vida às mãos dos índios, ao longo do S. Lourenço, foram beatificados. Em Auriesville, Nova York, onde um deles, Isaac Jogues, foi trucidado pelos índios mohawks, foi erigida uma capela em 1884, sob a invocação de Nossa Senhora dos Mártires, afirmando-se que ali se verificaram respostas miraculosas a orações. “Agora que Jogues e seus dois companheiros leigos, Goupil e Lalande, foram beatificados e suas imagens e pinturas se podem publicamente venerar, assim como também suas relíquias, ninguém duvida de que maiores graças serão alcançadas.” Tal é o vaticínio do padre Wynne, na *Cath. Hist. Rev.*, de 1925. Por solicitação do Terceiro Concílio Plenário, deferida por Pio X, já se iniciou, em Roma, o processo de canonização do “lírio dos Mohawks”, Catarina Tekakwitha. Essa moça indígena, a quem o bispo Laval chamava a Genoveva da Nova França, se recusou a casar-se e fez-se monja em Montreal. À imitação de S. Luiz, por três noites consecutivas fez o leito num espinheiro. Por ocasião de sua morte, em 1680, uma glória lhe desceu sobre o rosto e, após a morte, curas maravilhosas se realizaram, ao que se conta, em seu túmulo. É provável que não esteja distante o dia em que o próprio Colombo seja colocado entre os santos e promovido, ao lado de Maria, a padroeira de ambas as Américas. As crueldades de que seus companheiros o culpavam em seus relatos são obstáculos que argumentação e ingenuidade são capazes de remover. Os Cavaleiros de Colombo seriam honrados, por uma tal distinção conferida a

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

seu patrono, e os Estados Unidos teriam um santo relacionado com um de seus dias de festa nacional. O caminho rumo à canonização foi aplanado pela elogiosa encíclica que Leão XIII por ocasião do 400º. Aniversário da descoberta de Colombo, em 1892, e dirigida aos bispos da Espanha, Itália e continente Ocidental – *Obras*, 5:100-106. A descoberta da América, para reproduzir as palavras de Leão, “foi um evento como nenhum outro maior e mais belo realizou o homem. Quanto ao que realizou, poucos há que se lhe possam comparar em grandeza de alma e de gênio. A religião estava diante da empresa; e quando se considera o primeiro motivo que levou Colombo a conceber o plano de explorar os mares desconhecidos, não há lugar para que se duvide de que a fé católica superlativamente inspirava o empreendimento, de modo que a humanidade não é menos devedora à igreja nesse particular”. Adiante Leão enxergou no descobrimento e em seus resultados uma compensação divinamente provida para contrabalançar os males do movimento contemporâneo, a “rebelião protestante”. “Parece – continuou – que Colombo foi dirigido por especial desígnio de Deus, para compensar o Catolicismo, com o Novo Mundo, pelos danos que a igreja estava a ponto de sofrer na Europa, e para chamar a raça dos índios ao cristianismo, o que era, sem dúvida, missão pertinente à igreja”.⁴

Neste capítulo se mostrou que a palavra “santos” é nome dado no Novo Testamento a todos os crentes cristãos e que os escritores apostólicos não forneceram nenhum indício da existência de um grupo distinto que, no céu, mereça o nome em acepção superior e a quem devam dirigir orações. Indicou-se quão extenso é o grupo de santos celestiais e intercessores que as autoridades romanas criaram – e foram aduzidos exemplos para mostrar que os hábitos de alguns dos mais eminentes da companhia violaram as leis da higiene, do senso comum e da vida equilibrada. Foram também ministrados exemplos dos chamados milagres, que não foram mais do que prodígios e, no caso de terem sido históricos, deviam ser tratados como produtos de estados histéricos. Não é necessário que se vá até os eremitas da Síria e do Nilo, ou às páginas maravilhosas da Legenda Dourada, para que se encontrem experiências mórbidas e fantásticas. Elas se encontram nas listas feitas em Roma e ratificadas pelos papas. Quando o cardeal Belarmino asseverou que não é possível que o pontífice romano erre ao canonizar um mortal que se foi, estabelece um princípio que deve ser verdadeiro, se o papa for infalível em matéria de doutrina e moral. Mas o cardeal se enganava e os papas se têm enganado nas eleições que fizeram e no sustentarem a pretensão de que

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

qualquer soma de autoridade tenha sido conferida a qualquer tribunal sobre a terra, para que prescreva arranjos atinentes ao céu. As Escrituras não fornecem apoio à criação de santos por parte de homens mortais e não impingem a crença de que eles ouçam e respondam as orações que fizermos por seu intermédio, ou que eles devam ser cultuados. Para os protestantes é suficiente que o culto devido seja prestado a Deus, que nossos votos sejam cumpridos para com o Senhor e que a lembrança dos homens bons e úteis, da igreja e de fora dela, que se tenham retirado do mundo, seja guardada com respeito e seu exemplo imitado. O *Te Deum* faz bem em não ir mais longe:

“Louve-te a gloriosa companhia dos Apóstolos;
Louve-te a piedosa associação dos Profetas;
Louve-te o nobre exército dos Mártires;
A Santa Igreja, através do mundo,
Reconheça-te, como Pai, para sempre”.

O calendário dos santos é a abadia de Westminster da igreja romana. A diferença entre os dois reside nisto: o calendário atribui a muitos dos santos costumes invulgares e extravagantes e a abadia contém o memorial de homens que se distinguiram em vários departamentos da atividade útil, desde o estadista ao cientista e do poeta ao missionário. À medida que os turistas andam entre os monumentos e lêem os nomes de Chaucer e Shakespeare, Chatham e Gladstone, Lord Kelvin e Darwin, João Wesley e Livingstone, sentem que estes ali estão porque fizeram alguma contribuição ao bem-estar humano. Nenhuma inusitada idiossincrasia ou traços anormais se exigiram para que se fizessem benfeitores de sua espécie. A qualificação estabelecida por nosso Senhor, para distinguir a santidade, é o fazer a vontade de Deus no círculo doméstico ou na esfera pública, na terra ou no mar, por atos de fidelidade diária – e à sua vista todo cristão está habilitado a reivindicar para si o nome neo-testamentário de “santo”.

Bibliografia e Notas

The Golden Legend, posta em inglês por Caxton, 7 pequenos vols. – Butler: *Lives of the Saints*, 12 vols., 1868. Baring-Gould: *Lives of the Saints*, 4 vols., 1907. Delahaye, S.J.: *Les Legendes Biograph.*, 1905. Critica. – *Bk. of the Saints* pelos Beneditinos, 1921. Holweck: *Dict. of the Saints*, pp. 1054, 1924. – Pullen: *Thr Primitive Saintas and the See of Rome. – Trid. Decrees e Cat.*, sobre o Decálogo e a Oração. – *Cod. can. jur.*, 1255-89; 1919-2141 – Belarmino; Mohler; Gibbons, 191-205. Arts.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

wetzer – *Welte*: 3:1233 e ss. e *Cath. Enc. Sobre Images*, 7:665-72 e *Relics*, 12:734-40. – Hefele: *Conc. Gesch.* no 2º. Nicene C., vol. 3. – Gregory: *Bernadette of Lourdes*. – Lord, S. J.: *Story of the Little Flower, St. Therese*. – Husslein, S.J.: *The Heart of the Little Flower*, etc. 1924. Prot.: *Conff. de Augsb., II Helv., Gall., Schmalkald.* – Calvino: *Invention of Relics*, trad. por Beveridge 1:288-341. – Warfield: *Counterf. Miracles*, 1918. – *Reliquiem in Herzog-Hauck*, 12:734-40. – Hase, p. 298 e ss. – Schaff: *Ch. Hist.* 3:449-460;5, pt. 2, p. 845 e ss.

1. Belarmino, *de sanctis*, 1, 14, habilmente aparando essa objeção, disse que Cornélio pensava que havia alguma coisa de divino em Pedro, no que tinha razão, e Pedro por modéstia recusou as honras a que ele “legalmente” fazia jus. O *Anuário Pontifício* arrola todos os papas, até 536, incluindo Silvério, como “santos”.

2. Santo Aloísio, segundo a *Vida* de Cepari, trad. Pelo padre Goldie, “estava acostumado a baixar os olhos com modéstia ao atravessar as ruas”. Um escritor de *Month*, 1924, p. 159, sugere que o santo teria lido a *Vida* de S. Luiz de Anjou, fal. em 1297, e herdeiro do trono da Sicília, que se tornara religioso. Quando do casamento de Branca, sua irmã, com o rei de Aragão, em Barcelona, Luiz “observou tão rigorosa modéstia, que as princesas não puderam sequer conseguir um relancear de olhos por parte dele”. Regressando a Florença, onde estava sua mãe, disse que não permitiria fosse abraçado por ela, e voltou a face, exclamando: “sois minha mãe, mas sois também mulher. A um servo de Deus não é permitido tomar tal liberdade com uma mulher.

3. Recentemente veio a público a existência, em Lisieux, de um santuário dedicado a Tomaz à Becket. Exibe uma figura de cera vestida de paramentos episcopais de missa, que ele teria usado em Lisieux em 1770, pouco antes de regressar à Inglaterra e enfrentar a morte. O santuário também exhibe um pedaço de linho manchado de sangue, tido como pertencente ao santo. Um colaborador de *Month*, 1923, 411-17, observa que “se a visita de Becket não pode ser provada, é também difícil desmentir-la”.

4. Uma descrição da recente descoberta dos corpos de santo Estêvão, S. Gamaliel, S. Nicodemus e Santo Abifone, no pátio da residência dos salesianos, em Jerusalém, bastante maravilhosa para experimentar a mais firme crença, foi publicada na *Cath. Hist. Rev.*, jan. de 1923, incluindo uma narrativa do sepultamento dos veneráveis santos e a história da sepultura nos últimos tempos. Parece que Gamaliel

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

reuniu os restos de Estêvão e os conduziu para sua casa de campo, depositando-os no túmulo que o próprio Gamaliel havia construído para si mesmo. Com o correr do tempo, o túmulo se perdeu e não foi redescoberto até 415, quando um sacerdote, guiado por uma visão, repetida por três vezes, o encontrou. À vista ou mediante o toque dos corpos dos quatro varões antigos, muitos milagres foram operados; mas outra vez se perdeu o lugar do túmulo e perdido permaneceu até 1922. A autenticidade da recente descoberta foi garantida pelo patriarca latino de Jerusalém e certo número de outros homens ilustres. Afirmou-se que “essa gloriosa descoberta, chegando ao conhecimento dos homens através do mundo, criará um novo sentimento de gratidão a Deus por seus santos”, etc., É para esperar que, dagora por diante, o sítio seja cuidadosamente guardado e isso há de sem dúvida beneficiar os Salesianos, cujo quintal se transformará em lugar de peregrinação.